

# A Linguística Moderna e o Método Histórico-Gramatical

*Luis Guilherme Nunes Silva*<sup>1</sup>

## Introdução

A metodologia da prática exegética é tradicionalmente dividida nos chamados ‘passos’ ou *etapas*.<sup>2</sup> Apesar de existir alguma variação sobre o número de cada etapa e a natureza de cada um, a forma geral permanece a mesma. Esses passos giram em torno do contexto histórico, contexto literário, delimitação do parágrafo, análise gramatical e lexical, crítica textual, teologia e pesquisa em literaturas secundárias, dentre outras coisas.

A base hermenêutica usada nesse modelo é o chamado *método histórico-gramatical* (doravante, MHG), que tem como premissa básica ‘o significado em contexto’. Essa metodologia tem por marca o seu objetivismo<sup>3</sup>, e, por que não dizer, o seu realismo

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia Sistemática pelo Instituto Aubrey Clark. Bacharel em Teologia pelo Seminário e Instituto Bíblico Maranata (SIBIMA). Professor de Grego do Novo Testamento e linguística aplicada aos textos Bíblicos no Seminário e Instituto Bíblico Maranata (SIBIMA), no Instituto Teológico Semeiar (ITS) e no Instituto Schaeffer de Teologia e Cultura. Atualmente é Pastor na Primeira Igreja Batista De Aquiraz/CE.

<sup>2</sup> Por exemplo, NASELLI, Andrew D. *How to Understand and Apply the New Testament: Twelve Steps from Exegesis to Theology*. Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 2017. 384 pp; FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Manual de Exegese Bíblica – Antigo e Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2008. SCHNELLE, Udo. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2004; FEE, D; GORMAN, Michael J. *Elements of Biblical Exegesis: A Basic Guide for Students and Ministers*. Peabody: Hendrickson, 2009.

<sup>3</sup> Por objetivismo, podemos definir de forma geral como o conhecimento objetivo que só é obtido quando as idéias do intérprete correspondem aos objetos fixos pretendidos pelo autor. Um exemplo de objetivismo pode ser encontrado em E. D. Hirsch (HIRSCH, E. D. *Validity in Interpretation*. New Haven and London: Yale UP, 1967). Para ele, o significado de um texto é a intenção de seu autor. É importante notar, no entanto, como Vanhoozer (VANHOOZER, Kevin J. *Is There a Meaning in This Text? The Bible, The Reader, and the Morality of Literary Knowledge*. Grand Rapids: Zondervan, 1998, p.75) aponta, que a ideia de intenção autoral de Hirsch não é a mesma dos relatos psicologistas dos românticos. Hirsch não está dizendo que, ao escrever um texto, um autor deposita nela alguma realidade metafísica que requer uma "leitura viva" na qual um leitor se torna um com a consciência do autor. Para Hirsch, não há significado em um texto e significado na mente do autor. Se existe algum significado em um texto, é apenas o significado pretendido pelo autor e nenhum outro. Vanhoozer (p.75) observa que, ao fazer essa equação, "Hirsch está reivindicando algo sobre a natureza dos textos, bem como sobre o significado, ou seja, que não pode haver textos sem autores. O significado como inseparavelmente ligado aos atos

hermenêutico<sup>4</sup>. O MHG tem sido desafiado por muitos outros métodos, tais como a abordagem exegética literária, retórica, teológica, ou mesmo, outras propostas envolvidas em campos mais ideológicos, como o movimento feminista ou o da teologia da libertação.

Ao lado desses outros modelos desafiadores do MHG, muita ansiedade tem ocorrido no campo de interpretação bíblica no que diz respeito ao uso da linguística moderna na exegese, e sua relação com o método histórico-gramatical. Podemos listar três grandes *medos* que geralmente são levantados quanto ao uso da linguística.

## 2. Medos

O primeiro medo diz respeito ao uso de certas novidades, em termos de filosofia da linguagem ou ferramentas interpretativas, que leve a ferir algum sistema hermenêutico ou a autoridade da Escritura.

Esse medo, ainda que seja legítimo, não é suficiente para rejeitarmos a profunda riqueza do campo da linguística, que contém imensos recursos que de forma nenhuma afetam algum fundamento da fé. Existe também nesse "medo do diferente" uma certa mistura irresponsável de *categorias científicas*. Uma confusão de categorias que pode ocorrer tanto do lado de quem faz uso da linguística, tanto de quem rejeita o seu uso. A natureza dessa 'mistura de categorias' é a tentativa de provar um certo argumento que é puramente teológico, por meio de algo impossível de se provar pela gramática. Sabemos que esse tipo de falácia não é nova e está presente em grandes argumentações de interpretação do passado<sup>5</sup>.

O segundo grande medo é o uso de linguística no texto bíblico, não pelo fato de ser uma "filosofia humana" ou uma novidade, mas pelo simples uso da linguística. O argumento geralmente é: "não precisamos de linguística para interpretar a Bíblia". Esse medo é relevante em termos de abusos do uso da linguística, mas perde força, pelo fato de que a questão não é se eu uso ou não linguística, mas o meu nível de consciência linguístico e a qualidade da linguística que usamos. Portanto, a natureza

---

conscientes do autor e do intérprete que são transportados na expressão linguística de um texto. Para uma crítica veja; THISELTON, A. C. *The Two Horizons: New Testament Hermeneutics and Philosophical Description*. Eerdmans, 1980) e THISELTON, A. C. *New Horizons in Hermeneutics*. Grand Rapids: Zondervan, 1992, esp. 13.

<sup>4</sup> Veja VANHOOZER, Kevin J. *Is There a Meaning in This Text? The Bible, The Reader, and the Morality of Literary Knowledge*. Grand Rapids: Zondervan, 1998, p.496.

<sup>5</sup> Veja: BARR, James. *The Semantics of Biblical Language*. Oxford University Press, 1961 e CARSON, D.A. *em Exegetical Fallacies*. 2 ed. Baker Academic, 1996.

literária da Bíblia exige algum tipo de pressuposto linguístico, e o ponto, como intérpretes, é a qualidade da linguística que está sendo usada ao interpretar o texto bíblico.

Um segundo problema desse medo pode ser colocado da seguinte forma: se em toda interpretação existe um uso linguístico devido a natureza do texto bíblico, por qual critério um intérprete vai julgar a interpretação do outro? Para citar Lewis<sup>6</sup>, como posso dizer que uma linha é torta, se eu não possuo nenhum padrão de linha reta? Como posso afirmar que certa interpretação de um texto bíblico está errada? O meu ponto é simples, quanto mais ferramentas existirem para reforçar a nossa precisão interpretativa e potencializar os nossos julgamentos interpretativos, melhor. Não estou argumentando que é necessário todos terem conhecimento da linguística moderna para interpretar corretamente, mas que um estudo da linguística moderna por parte de exegetas nos ajudará no julgamento de uma determinada interpretação.

O último medo diz respeito ao ataque que um novo método interpretativo pode fazer contra o modelo histórico-gramatical. Mais uma vez, existe uma legitimidade nesse medo, mas não é o suficiente para abandonarmos ferramentas linguísticas. Muito embora, alguém possa discordar da posição pressuposta nesse artigo sobre a natureza da relação entre o método histórico-gramatical e a linguística, temos por certo que não deve existir *uma concorrência entre as duas*, mas uma relação de *potencialização*.

Esse pressuposto de potencialização parte do fato de que o método histórico gramatical é, antes de tudo, uma filosofia hermenêutica, e não propriamente uma ferramenta linguística de análise. Uma teoria linguística pode potencializar essa filosofia hermenêutica a atuar de forma mais robusta em sua prática. O fator ou terreno comum dessa relação de potencialização está justamente nos conceitos de CONTEXTO e SIGNIFICADO, que começam, antes de tudo, por "potencializar" o nosso entendimento dos conceitos de história (contexto) e gramática (significado) do MHG, por meio de uma mais acurada descrição de como a língua funciona.

Começamos esse tópico descrevendo o método tradicional de exegese e seu fundamento hermenêutico, o método histórico-gramatical. Por fim, ao mostrar os principais medos com o uso da linguística, demonstramos que os dois modelos são amigos, quando propriamente categorizados no seu devido lugar e relacionados por meio do pressuposto de potencialização. O que nos resta entender é a seguinte

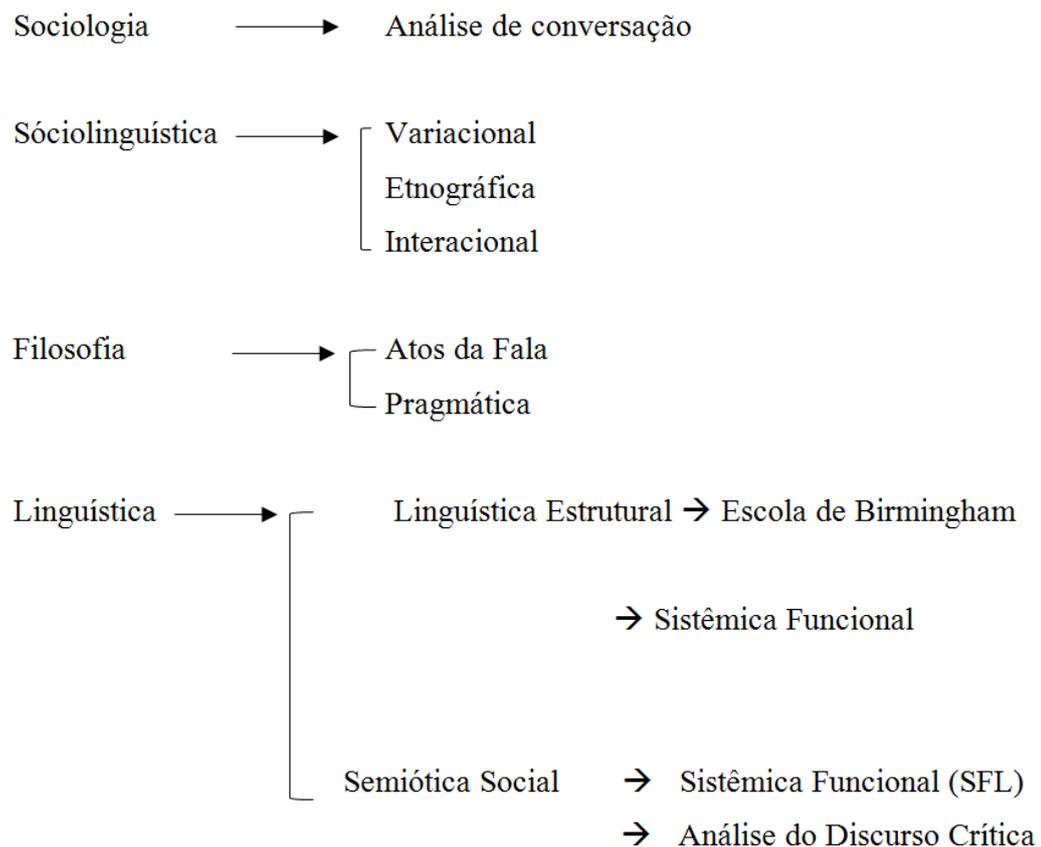
---

<sup>6</sup> LEWIS, Clive Staples, **Cristianismo Puro e Simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.51.

questão: Se o método histórico-gramatical implica para alguns na prática exegetica dos passos tradicionais, qual o lugar do uso da linguística moderna dentro desse processo interpretativo? Devemos abandonar esses 'passos'? Se não, como relacionar o uso da linguística moderna à esses passos? A seguir, demonstrarei os benefícios da linguística moderna na prática exegetica.

### 3. Benefícios

O campo da linguística moderna possui várias áreas de estudo, geradas pelo surgimento de várias escolas de pensamento (figura). As várias escolas de pensamento geraram uma grande quantidade de terminologias e conceitos, deixando muitas vezes aqueles que estão iniciando na área confusos.



A linguística pode ser dividida a grosso modo em dois grandes paradigmas: FORMAL e o FUNCIONAL. Essa divisão é puramente didática, porque a melhor maneira seria em termos de *spectrum*, onde os polos extremos são o paradigma formal e o outro o funcional, e uma série de variações/'misturas' entre esses

polos<sup>7</sup>. Não temos espaço para definir e trabalhar todo o espectro de paradigmas linguísticos que existem. O nosso propósito a seguir é introduzir os aspectos benéficos da linguística em termos mais funcionais para a exegese bíblica.

Quando falamos de "termos funcionais", significa tratar a língua como sendo primeiramente um instrumento de "comunicação social", onde o contexto dessa comunicação motiva, limita, explica ou determina a estrutura gramatical"<sup>8</sup>. Isso é diferente de um sistema formal que vê a língua como uma "expressão de pensamento" e foca na competência e regras de estrutura.

Uma das maiores preocupações por aqueles que usam o método histórico-gramatical reside na máxima: "texto sem contexto é motivo para pretexto". A preocupação de analisar o texto em seu contexto reside em todo intérprete bíblico que faz um trabalho sério de exegese. Nesse ponto, a linguística moderna procura uma maior especificidade entre a relação texto e contexto, como o campo linguístico da Pragmática e da Sociolinguística que trabalham especificamente em como a linguagem usada no texto está funcionando em contexto, e em quais contextos a linguagem do texto pode funcionar.

Especificamente, a pragmática procura um nível de descrição mais agudo de contexto cultural-linguístico em termos do que os leitores/ouvintes e falantes/escritos pressupõem entre si, ao passo que a sociolinguística procura um cuidadoso estudo do contexto para estabelecer não apenas o significado dos termos, mas os atos de fala envolvidos em tal construção social.

Muitos desses fatores acima são extremamente úteis no processo de interpretação. Em termos de pragmática, certas passagens nas epístolas nos levam a estudar a pressuposição por trás das sentenças, como as chamadas perguntas retóricas: "Vocês não sabem?", ou o uso de Paulo de Filósofos, como a *Cretica de Epimênides e o Phaenomena de Arato* em Atos 17, ou comédia de Menandro, Thais em 1 Co 15. Em relação a sociolinguística, é importante estudar um ato de fala na estrutura de um texto, como nos casos das parábolas, nas quais, ao passo que Jesus conta a história, existe um ato de fala no discurso de forma que a descrição de uma narrativa é, na verdade, um imperativo para uma determinada ação.

---

<sup>7</sup> Dentro do espectro podemos ter o funcionalismo-estrutural, funcionalismo-gerativista (!), estruturalismo funcional, dentre outros.

<sup>8</sup> Um ponto feito por NEWMeyer, F. *Language form and Language Function*. Cambridge University Press. Versión: J. Guillén.1998, especialmente, p.9.

Além da preocupação com o contexto, o método histórico-gramatical demonstra um cuidado com o próprio texto. Nesse ponto, o cerne de um trabalho linguístico é basicamente descrever ou analisar como a linguagem funciona em contexto. Essa preocupação linguística consiste principalmente em identificar os componentes da linguagem e como eles se relacionam entre si - como todos os elementos se arranjam ou se harmonizam para gerar significado - ou ainda, qual a relação entre o significado das palavras com a sintaxe, parágrafos, discurso, etc.

Esse trabalho linguístico permite uma melhor análise da estrutura gramatical, das relações dos níveis da linguagem, permitindo que o intérprete relacione de forma apropriada o sistema da linguagem do Grego ou Hebraico com o texto. Por exemplo, qual a relação de  $\tau\iota\ \omicron\upsilon\nu$ , em Rm 6.1 com o co-texto anterior? O que esse termo revela em termos de estrutura do livro? Essas perguntas às vezes são respondidas somente em termos de argumento teológico sem nenhum apoio gramatical, o que não há nenhum problema, apenas não podemos chamar de exegese.

Esses dois aspectos benéficos da linguística descritos acima nos levam a perceber como o uso linguístico é uma ferramenta que nos ajuda a sermos intérpretes melhores em termos de texto e contexto. Nesse ponto, podemos fazer uma crítica àqueles que usam o método histórico-gramatical. Quando falamos de contexto (histórico), o que significa 'histórico', especialmente o fator contextual, ou seja, o que "significa em contexto"? O que significa gramatical? Como os dois se relacionam? As respostas caminham em nível de descrição indutiva ou importa somente o que nós achamos do que esses termos significam, que muitas vezes usamos sem refletir sobre a sua natureza?

Um último benefício, dos vários que eu poderia listar aqui, é o benefício histórico. Estudar linguística nos ajuda a perceber as críticas que houve entre as escolas literárias no decorrer do tempo sobre uma determinada concepção da linguagem, de forma que reformulações benéficas na forma que a linguagem era entendida promoveram mudanças significativas e fizeram com que as reflexões sobre a linguagem se tornassem mais precisas.

Um bom exemplo desse benefício diz respeito aos filólogos do século XIX e a forma dos estudos linguísticos nesse período em termos de filologia comparativa. Nesse tempo, destacava-se o estudo das semelhanças e das diferenças entre as línguas com objetivo de estabelecer suas relações de desenvolvimento genético, onde era analisado, por exemplo, como explicar as semelhanças entre o espanhol e o italiano,

por meio do seu descendente comum, o latim. Essa forma de pensar levou a várias influências no desenvolvimento das gramáticas gregas, de forma que muitas análises gramaticais, como a dos verbos e casos, foram estudadas à luz do Latim, e não à luz da língua situada em contexto, dentro de um momento histórico-temporal específico, ou seja, sincrônico, e não relações entre as línguas ao decorrer de um certo desenvolvimento, diacrônico.

Essa forma sincrônica de se estudar a linguagem passou a ser a marca da linguística moderna, tendo em vista que Ferdinand Saussure desenvolveu fortemente essa nova forma de análise linguística: “a língua constitui de um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (SAUSSURE, 2016, p. 95). Por estado momentâneo, Saussure estabelece o valor do estudo sincrônico; por sistema, ele localiza os signos linguísticos sendo vistos dentro de relações sistêmicas; por ‘valores’, ele fundamenta que as relações de oposição entre os signos estabelecem seu valor, ou seja, eles se desenvolvem internamente; por “puros”, significa que não existe “materialização do pensamento, nem espiritualização de sons”, mas “o pensamento-som” (SAUSSURE, 2016, p. 131). O que Saussure quer dizer com isso é que a língua não é um ‘canal’ para a materialização de um pensamento, ou que existe alguma idéia pré-estabelecida, anterior à linguagem, não existe ‘isso e depois aquilo”, mas “ambos”, pois não há como separar o pensamento (o conceito) da imagem acústica. Porém, importante para o nosso propósito aqui, é a idéia de sistema e relações de oposição dos signos.

O que podemos aprender com o que foi dito logo acima para potencializar o método histórico-gramatical? Na relação entre os signos do sistema reside tudo o que potencialmente algum usuário da língua pode ‘dizer’. O benefício disso é o conceito de ‘paradigma’, em oposição a sintagma.

Por exemplo, na sentença: João bebeu \_\_\_\_\_. Existem muitas possibilidades para preencher a lacuna vazia (água, leite, vinho, etc.). Podemos dizer que existem ‘infinitas possibilidades’, ou pelo menos, será muito difícil listá-las. Por outro lado, podemos ter “João bebeu água”, mas também, “João beberá água”, ou “João tem bebido água”, porém, o que está mudando é o tempo do verbo, e como as escolhas dos tempos verbais são limitadas, podemos observar claramente o que poderia ter sido usado, ou, o que foi usado no lugar do que poderia ter sido usado (e.g. Passado, no lugar do Futuro).

Diante disso, podemos destacar duas coisas. Primeiro, embora quando estamos falando de ‘palavras’ (ou léxis) e não gramática, as possibilidades para preencher a

lacuna são diversas (quantas coisas alguém pode beber?), porém, outras relações podem ser analisadas, como sinônimos, antônimos, hipônimos, etc. Segundo, em termos gramaticais, um intérprete pode se perguntar: por que usar um Aoristo e não um Perfeito? Como veremos adiante, no desenvolvimento de uma análise de um sistema, em termos funcionais, ‘escolha implica em significado’.

Ao passo que o objeto de análise linguístico é o sistema (*langue*), Saussure fez um corte epistemológico, no qual, para se ter um sistema de valores puros, era necessário excluir qualquer fator variante da análise, sejam contextos comunicativos, atos de fala da enunciação, ou seja, a instância do momento de fala não é objeto de estudo linguístico (*parole*). Entretanto, muitos linguistas notaram que esse projeto linguístico de Saussure era irreal, não há como se analisar as relações somente dentro do sistema sem a influência da *parole*. Por isso, como relacionar as relações sistêmicas com as relações contextuais?

Tendo em vista esse espaço entre a relação de sistema e variações comunicativas, existem muitos outros benefícios que podemos aprender com algumas escolas linguísticas, como a Escola de Praga e a Escola de Londres, que procuram preencher esse problema teórico.

Sobre a escola de Praga, com a grande influência de Vilém Mathesius, que estudou a linguagem de um ponto de vista não-histórico, e estabeleceu que o fundamento linguístico era a análise da *função em contexto*, uma relação entre a linguagem em contexto e sua função como sendo o seu lugar no sistema foi melhor analisada. Nesse sentido, baseado em Mathesius, o sistema de uma linguagem não pode ser analisado fora do seu contexto de uso. Essa idéia de contexto, função e sistema ganhou um grande desenvolvimento numa outra Escola, a Escola de Londres, que teve um grande diálogo com a escola de Praga.

A escola de Londres possui dois grandes expoentes. Seu fundador, J. R. Firth, de certa forma, desenvolveu as teorias de Bronislaw Malinowski. Na antropologia funcional de Malinowski, a linguagem não é primeiramente um instrumento de reflexão, mas um modo de ação.

A linguagem, originalmente, entre os povos primitivos, não-civilizados, jamais foi usada como um mero espelho do pensamento reflexivo. (...) Em seus usos primitivos, a linguagem funciona como elo na atividade humana concertada, harmônica como uma peça de comportamento humano. É um modo de ação e não um instrumento de reflexão. (MALINOWSKI, Bronislaw (1972). O problema do significado em linguagens primitivas. (1972: 295-330), p. 309).

A ideia é que a linguagem não é apenas a transmissão de conceitos por meio de signos, mas o principal instrumento em uma determinada ação social. Bem, não temos tempo de explicar como isso é revolucionário, mas já podemos notar os rumos que Firth tomou com base em Malinowski.

Firth desenvolve a ideia de que uma determinada e específica linguagem está restrita a um tipo de situação, e que cada situação desenvolverá o seu sistema linguístico, portanto, a linguagem como sendo polisistêmica. Halliday, baseado no trabalho de Firth, desenvolve toda essa ideia, produzindo o poderoso conceito de Registro e de metafunções da linguagem.

Eu poderia citar muitas outras escolas como a Escola de Copenhague, representada pela linguística estratificacional de Louis Hjelmslev (1970), e a Escola de Sydney Lamb (1966). Outros modelos orientados ao funcionalismo, como o de Robert de Beaugrande e Wolfgang Dressler (1981); A gramática funcional de Simon Dik (1980) e a perspectiva de sentença funcional de Jan Firbas (1992), que seguem mais de perto a trajetória iniciada pela Escola de Praga; A adaptação de Ilah Fleming (1988) da linguística estratificacional de Sydney Lamb; A tagmêmica de Kenneth Pike (1971; 1981); A lingüística humana de Victor Yngve (1986), etc. Por hora, nosso ponto é o grande benefício de ampliar nossa perspectiva sobre a linguagem, a relação entre texto e contexto e o intra-organismo da própria linguagem.

O modelo funcionalista tem providenciado diversos avanços no estudo do grego do NT, como a abordagem aspectualista, a análise do discurso, uma apropriada análise do significado de palavras e o uso de estatísticas. A seguir, gostaria de exemplificar apenas esses dois últimos benefícios.

### **3.1. Benefícios avançados: ênfase e probabilidade**

Na perspectiva de Halliday, a gramática é vista como um sistema que contém redes que envolvem escolhas paradigmáticas (isso no lugar daquilo, e não, isso ao lado daquilo), onde o uso específico de uma linguagem reflete escolhas do sistema. As opções do sistema podem ocorrer de forma equivalente, ou uma opção pode ser preponderante sobre a outra (equiprobable 0.5:0.5 ou skew 0.9:0.1). Em termos discursivos, um pode ser mais marcado que o outro, por conseguinte, podemos tirar conclusões sobre o termo que é mais proeminente dentro de um determinado contexto, e assim, chegaremos a análise qualitativa, ou seja, a interpretação

linguística dos dados quantitativos. O benefício primário dessa concepção pode ser entendido na seguinte citação:

O que é dito não é interpretado apenas com base no que poderia ter sido dito, mas não foi; também é interpretado no contexto das expectativas, no contexto do que era mais provável e do que era menos provável de ser dito. A gramática de uma linguagem não é apenas a gramática do que é possível, mas também a gramática do que é provável (NESBITT e PLUM, G. 1988, p.9)<sup>9</sup>.

O ponto dos autores acima é o mesmo de Halliday, não estamos procurando apenas o que poderia ser dito mas não foi, também estamos atrás do que é mais provável aparecer. Porém, para deixar claro, não estamos procurando *regras*, mas *regularidades*, logo, como diz Brown e Yule: As regularidades que o analista descreve baseiam-se na frequência com que uma característica particular da linguística ocorre sob certas condições em seus dados discursivos<sup>10</sup>.

Em uma análise quantitativa de dados, estamos procurando aquelas características mais esperadas quando combinadas em um determinado contexto. Porém, essa análise não fala a história toda, pois é necessária a análise qualitativa dos dados, uma teoria com base descritiva para a interpretação desses dados.

Uma análise quantitativa envolve muitos outros elementos como: um bom modelo de probabilidade; a caracterização de um teste significativo; o estabelecimento de uma relação entre códigos e variáveis; uma prudente análise de como relacionar os valores de zero de forma apropriada dentro das amostras analisadas, e muitos outros.

Existem muitos pontos cegos em uma pesquisa quantitativa. Se procurarmos apenas por probabilidades nas ferramentas de pesquisa do Logos, Accordance ou outro, estaremos apenas na metade do caminho. Podemos facilmente perceber que em algumas análises quantitativas em comentários, certos equívocos acontecem por conta desse reducionismo estatístico.

William Varner (2017, p.50), em seu fabuloso comentário de Tiago, comete esse equívoco ao afirmar que a epístola de Tiago é a que possui o maior número de imperativos no NT. Ao passo que realmente a epístola apresenta um alto grau de imperativos (quinto lugar), mesmo assim, é a epístola de 1 Pedro que possui o maior

---

<sup>9</sup> NESBITT e PLUM, G. Probabilities in a Systemic-Functional Grammar: The Clause Complex in English. In: FAWCETT, R.P. e YOUNG, D. (eds.). *New Developments in Systemic Linguistics. II. Theory and Application*. Open Linguistics Series. London and New York: Pinter Publishers, 1988, p. 9.

<sup>10</sup> Brown G. e Yule G. *Discourse Analysis*. CTL. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 22.

número de Imperativos. O problema dele foi não padronizar os valores das frequências no corpus que ele analisou.

Existem muitas análises dentro do corpus do NT feitas de forma responsável<sup>11</sup>, como MEALAND, David L. Positional Stylometry Reassessed: Testing a Seven Epistle Theory of Pauline Authorship. *NTS* 35, no. 2, 1989, p. 266–86; e MEALAND, David L. Mealand. The Extent of the Pauline Corpus: A Multivariate Approach. *JSNT* 59, 1995, p.61–92; RADDAV, Yehuda Thomas. *The Unity of Isaiah in the Light of Statistical Linguistics*. Hildesheim: H.A. Gerstenberg, 1973; e RADDAV, Yehuda Thomas e SHORE, Haim. *Genesis: An Authorship Study in Computer Assisted Statistical Linguistics*. Analecta Biblica 103. Rome: Biblical Institute Press, 1985.

Hoje, temos várias formas de estudo de corpus por meio de cálculos estatísticos, como a distribuição  $\chi^2$  ou qui-quadrado, T-score, Z-score (abaixo), calculate Mutual Information, etc.

Voltando ao início, o fracasso esperado na pesquisa não é tanto a análise quantitativa, mas a relação entre um determinado conjunto de palavras de mesmo conceito geral, ou domínios semânticos e uma determinada forma gramatical. O desafio é relacionar um sistema que tem um conjunto limitado de escolhas com um outro sistema que tem um número de escolhas sem limite claro. Ou seja, como relacionar a gramática com o léxis.

Francis Pang, Mathew O'Donnell e Stanley E. Porter tem trabalhado nesse assunto há décadas. Uma conclusão básica é a independência que as escolhas aspectuais possuem dos léxis, ou seja, um léxis não limita uma escolha aspectual. Existem muitos estudos a serem feitos, abaixo veja um exemplo.

Considere o domínio semântico 25 do léxico de Lown-Nida: ATITUDES E EMOÇÕES.

Agora, considere como esse domínio é utilizado no NT<sup>12</sup>:

---

<sup>11</sup> PORTER, Stanley E. e O'DONNELL, Matthew Brook. *The Greek Verbal Network Viewed from a Probabilistic Standpoint: An Exercise in Hallidayan Linguistics*. *Filologia Neotestamentaria* 14 (2001): 3–41; O'DONNELL, Matthew Brook. Designing and Compiling a Register-Balanced Corpus of Hellenistic Greek for the Purpose of Linguistic Description and Investigation. In: PORTER, Stanley E. (ed). *Diglossia and Other Topics in New Testament Linguistics*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000, p.255-97; O'DONNELL, Matthew Brook. *Corpus Linguistics and the Greek of the New Testament*. New Testament Monographs 6. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2005; PANG, Francis G H. *Revisiting Aspect and Aktionsart: A Corpus Approach to Koine Greek Event Typology*. *Linguistic Biblical Studies*. Boston: Brill, 2016, p.298.

<sup>12</sup> Pesquisa foi feita inteiramente pelo algoritmo do projeto PROIEL e comparada com o LOGOS BIBLE.

Formas nominais: 954

Formas verbais: 1162

Total: 2116

Das formas verbais observe os seguintes valores:

Presente 653 (0.56)

Aoristo 317 (0.27)

Imperfeito 106 (0,09)

Futuro 57 (0,04)

Perfeito 29 (0,02)

Os dados parecem indicar uma preferência do DN 25 pela forma verbal Presente (aspecto imperfectivo). Para garantir essa tendência, vamos extrair uma amostra do corpus total, no caso o texto de 2 Coríntios. Observe os dados:

## 2 CORÍNTIOS

Formas nominais 83

Formas verbais: 96

Total: 179

Das formas verbais, temos:

PRESENTE 56 (0,58)

AORISTO 23 (0,23)

PERFEITO 5 (0,05)

IMPERFEITO 2 (0,02)

## FUTURO 1 (0,01)

Tendo em vista esses dados, vamos nos certificar de que a evidência do Presente como sendo a preferida forma verbal do domínio 25 é verdadeira, por estabelecer um escore z.

O escore z ou o escore padronizado tem como base a chamada distribuição normal, que indica o quanto uma medida se afasta da média em termos de desvios, uma função geralmente representada pela “curva de sino”. A distribuição normal padrão é tão previsível em sua forma de sino simétrica que para dados distribuídos aleatoriamente, podemos estabelecer “uma espécie de distância típica da média”, que é chamada de “desvio padrão”. A “média” é o centro da curva, em seu ponto mais alto, representando o resultado que ocorre com mais frequência. Estatísticos descobriram que cerca de 68% dos dados distribuídos aleatoriamente cairão dentro de um desvio padrão em ambos os lados da média, mais de 95% dos dados cairão dentro de dois desvios padrão da média, e aproximadamente 99,7% dos dados cairão dentro de três desvios padrão da média. Por isso, estabelecemos que um valor  $\pm 2$  afastado da média é considerado dentro de uma margem de erro, necessária para gerar um certo nível de confiança.

Abaixo, os scores-z são usados para expressar a frequência que o domínio 25 aparece com a forma verbal Presente em 2 Co em comparação com a frequência que seria esperada, com base na distribuição dessa forma verbal com o DN 25 no quadro geral do NT como um todo.

Vou utilizar a fórmula:

$$Z = \frac{O - E}{\sigma} = \frac{O - E}{\sqrt{n \cdot p(1-p)}}$$

Onde ‘O’ é o valor observado, nesse caso, o atual valor de Presentes com o Domínio 25 em 2 coríntios (56). ‘E’ é o valor esperado, o número que seria esperado se a mesma frequência de uso do Presente com domínio 25 em 2 Co fosse a da encontrada na estrutura geral do NT (53,85). O ‘ $\sigma$ ’ é o desvio padrão (3,17). No cálculo do desvio padrão, ‘p’ é a probabilidade do Presente ocorrer com o DN.25 (0,56), e o ‘n’, o número da amostra de domínios 25 e formas verbais em 2 Co.

$$Z = \frac{O - E}{\sigma} = \frac{O - E}{\sqrt{n \cdot p(1-p)}}$$

$$Z = (56 - 53,85) / 3,71$$

$$Z = 0,57$$

Esse escore de 0,57 indica que a forma verbal Presente com o DN 25 em 2 Cor apresenta um irrisório valor acima da média. Isso sugere que existe uma provável associação entre a forma Presente e o Domínio Semântico 25 – Atitudes e Emoções. Ou seja, o padrão geral (todo o corpus) de domínios 25 sendo usado mais em formas verbais Presente é confirmado quando extraímos uma amostra desse corpus (2 Cor), pois, do geral a análise em 2 Cor apresentou um valor insignificante acima do padrão geral. Pela quantidade de formas de Aoristos superior a das formas verbais do Presente, era esperado que o aoristo tivesse mais domínios 25. Porém, esse padrão tão alto dessa associação (presente – domínio 25) é algo extremamente relevante na análise da função imperfectiva (a ação vista como se desenrolando) e seu fator de proeminência, *primeiro plano*, contra o Aoristo, *plano de fundo*. Logo, os léxis de “atitude e emoção” são geralmente arranjados em contextos discursivos em *primeiro plano*.

## Conclusão

Esse capítulo não é sobre tentar uma reconciliação entre o método tradicional e um método moderno, mas uma tentativa de demonstrar que existem imensos benefícios no estudo da linguística geral aplicados ao grego bíblico. Por outro lado, não estou dizendo que EXEGESE é apenas linguística, JAMAIS! Envolve uma hermenêutica "provocadora", uma boa Teologia Bíblica, etc. Em termos de linguagem, não podemos fechar os olhos diante de tantos benefícios. Eu sigo o modelo funcional de Halliday, estou bem com ele diante de todas as outras Escolas. Porém, quanto à hermenêutica, não tenho nenhum problema com o MHG, sim, eu prefiro a velha opinião, porém, não uma opinião atrofiada, mas "thiseltonizada".

## Referências

- BEUGRANDE, Robert De; DRESSLER, Wolfgang U. **Introduction to text linguistics**. Longman, 1981.
- DIK, Simon C. **The Theory of Functional Grammar. Part I: The Structure of the clause**. Foris Publications, 1989.

FIRBAS, Jan: **Functional Sentence Perspective in Written and Spoken Communication**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992

FLEMING, Ilah. **Communication analysis: a stratificational approach, volume 2**. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1988.

HJELMSLEV, Louis. **Language, An Introduction**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1970.

LAMB, Sydney M. **Outline of Stratificational Grammar**, 1966.

MALINOWSKI, Bronislaw. The Problem of Meaning in Primitive Languages. *In*: OGDEN, C. K. & RICHARDS I. A. **The Meaning of Meaning: A Study of the Influence of Language upon Thought and of the Science of Symbolism**. Eighth edition. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1946[1923].

PIKE, Kenneth L. The linguist—and axioms concerning the language of Scripture. *Interchange* 3(2), 1971, p. 77-84.

----- . Nonsense in the service of sense. *Language and Communication* 1, 1981, p.179-88.

SAUSURRE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

YNGVE, Victor H. **Linguistics as a Science**. Indiana University Press, 1986.

VARNER, William. **James: A Commentary on the Greek Text**. Fontes Press, 2017.